



Relações interétnicas entre as aldeias Jaguapirú e Bororó na Reserva Indígena de Dourados

Juliana Grasiéli Bueno Mota;
Letícia Espadim Martins².

INTRODUÇÃO

Lugar de índio é na Reserva? Este trabalho apresenta uma reflexão acerca de õlugarö e de õíndioö. O esmiuçar da questão nos leva a dois caminhos de investigação pelos quais devemos de percorrer para compreender as relações interétnicas presentes na Reserva Indígena de Dourados, casa de Guarani, Kaiowá, Terena, Bororó, Kaingang. Kadiwéu e não indígenas paraguaios e brasileiros.ö (CHAMORRO, 2019, p.10).

A Reserva Indígena de Dourados foi criada em 1917 pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e sua criação está vinculada ao discurso de assimilação dos indígenas à sociedade nacional e ao esbulho de seus territórios tradicionais pelas forças do Estado. Como aponta Chamorro (2019, p.9) as reservas indígenas õforam a reedição republicana da velha política de aldeamento, praticado pelo Estado desde o século XVI, para melhor servir-se dos indígenas, melhor catequizá-los e melhor administrá-losö.

Sendo assim, pretendemos que nosso primeiro caminho de investigação que diz respeito ao termo õlugarö, compreendido e utilizado ao longo do trabalho através do conceito geográfico de õterritórioö, permeie a discussão de desterritorialização sofrida pelos Kaiowá, Guarani e Terena de seus territórios tradicionalmente ocupados e territorialização precária no espaço da Reserva.

É preciso salientar também que tal movimento de desterritorialização de seus territórios e territorialização precária na Reserva resultou em transformações identitárias para os Guarani, Kaiowá e Terena. O caráter relacional do conceito de identidade nos mostra como essas transformações também foram resultado da necessidade de compartilhamento de território imposta a esses povos, já que no passado a configuração social e organizacional desses não incluía o compartilhar do território.

As novas configurações socioespaciais forçaram a reconfiguração das identidades, individuais e coletivas, dos Guarani, Kaiowá e Terena originando espaços de disputas e alianças na Reserva. Levi Marques Pereira (2016, p.16) exemplifica como tal processo se deu no caso do povo Kaiowá, representando o início forçado de relações mais frequentes e intensas com a sociedade não indígena, em específico o Estado brasileiro e suas instituições e outros povos indígenas, como os Guarani e Terena.

A ocupação das terras tradicionais kaiowá pelas frentes de ocupação agropecuárias no último século impôs a essa população visíveis transformações em seu sistema social, resultantes da imposição de novas formas de produção econômica, da perda do território, de alterações nos padrões demográficos e de residência. Ocorreram também modificações na relação entre os sexos e nos modelos de casamento. Estes problemas resultam da interação necessária e compulsória com as outras populações, agências da sociedade civil e instituições do Estado nacional.

Portanto, se a afirmação inicial limita os indígenas a um único espaço, a Reserva, e considera que não há distinção entre os povos indígenas, enclausurando a diversidade étnica existente no singular do substantivo *õíndioö*, o passado e o presente da Reserva nos mostram o contrário. Em completa oposição a qualquer tentativa de homogeneização, as múltiplas formas de *õser* e *viverö* dos indígenas transbordam os limites do que o Estado e a sociedade brasileira entendem por território e identidade indígena. A Reserva Indígena de Dourados é lugar de diversidade, sendo então a mais legítima *casa* da transformação. Seus habitantes são a nova identidade coletiva dos Guarani, Kaiowá e Terena, o/a morador/a da Reserva.

Caminhos: õLugarö e õÍndioö.

õLugar de índio é na Reservaõ

*õMeu lugar é o meu paraíso se ali tenho o que preciso
e o que tenho, por simples que seja,
me faça viver, sonhar, sorrir, e pra mim seja
algo de profundo prazer e porvir.*

[...]

*Desgraça é ter que se enveredar em um lugar estranho,
sem amanhã, desconexo, talvez medonho
porque não é onde o sonho da gente quer morar,
simplesmente porque ali não é o nosso lugar...õ*

*(Fragmentos do Poema do Livro: "Geografia em poesias: tempos,
espaços, pensamentos - Luiz Carlos Flávio).*

Luiz Carlos Flávio comenta em seu poema acerca de um lugar que o aconchega, um lugar que o faz *õviver, sonhar, sorrirõ*. Todavia, este lugar definido por Luiz nos parece entrar em choque com a significação que a outra frase que abre nossa discussão dá ao termo lugar: *õLugar de índio é na reservaõ*. Sendo assim, nos propomos a pensar se de fato, o lugar de índio é na Reserva? Ou melhor, é a Reserva o lugar que faz o índio *õviver, sonhar e sorrirõ*? A tentativa de resposta à essas questões são pensadas junto a Geografia e as narrativas Kaiowá, Guarani e Terena no sentir e pensar seus próprios territórios e territorialidades.

Rogério Haesbaert (2008,p.13 *apud* MOTA 2011, p.43) nos conta que õa categoria lugar está inter-relacionada as relações de pertencimento, marcada pela subjetividade.õ Desse modo, para pensarmos o verdadeiro *õlugar de índioõ*, no que tange a capacidade deste de gerar pertencimento e subjetividade à esses sujeitos, devemos pensar antes em seu contraponto o/s *õnão-lugar/s de índioõ*.

Tal negação de lugar/s aos indígenas aparece por meio do esbulho de seus territórios étnicos Kaiowá, Guarani e Terena. Nesse sentido, Juliana Grasiéli Bueno Mota (2019, p.264) estabelece um diálogo com a autora Lydia da Silva Guedes (2000;1995, p.48) e traz a tona uma discussão mais ampla ó mas que nos ajuda a pensar o contexto sul-mato-grossense-

acerca das narrativas de colonização que consideravam as terras indígenas e interioranas do Brasil ó *sertões*¹ como õespaços-vaziosö. Sendo, portanto, territórios passíveis de conquista-ocupação pelas forças do Estado e frentes de expansão econômica.

Considerar as terras dos índios como espaços vazios foi uma estratégia política para fazer valer a necessidade de conquista ocupação do *sertão*, o que era também conquista das gentes do *sertão*, considerada bárbara, selvagem, desprovida de razão.

É nesse contexto de esbulho dos territórios tradicionais indígenas que entra em cena a estratégia política do Estado brasileiro, por meio de seu órgão indigenista oficial (SPI), de criação dos Postos Indígenas (PI) ou Reservas Indígenas. As Reservas tinham como finalidade õreceberö as famílias Guarani, Kaiowá, Terena, entre outras etnias que estavam enfrentando a usurpação seus territórios étnicos para o uso e desfrute das frentes de ocupação e expansão econômica não-indígena. Em outras palavras, serviam a necessidade de liberação dos territórios étnicos ao capital e a ideia de progresso que estava sendo construída no Brasil naquela época.

Em outras palavras, a usurpação dos territórios étnicos posta em marcha na época pode ser entendida como a desterritorialização dos/as Kaiowá, Guarani e Terena. O poema õLugarö citado na abertura da sessão exemplifica as dores desse processo ao dizer que õDesgraça é ter que se enveredar em um *lugar estranho* [...]ö, e nesse sentido para os/as Kaiowá, Guarani e Terena a Reserva Indígena de Dourados representou um lugar estranho para esses povos.

Destacamos que o õrecebimentoö dos/as indígenas a Reserva foi marcado pelo uso da violência, tal recolhimento forçoso das famílias indígenas contava õo apoio [e interesse] de ervateiros, fazendeiros e missionários, além da atuação latente dos órgãos estatais, como o SPI, posteriormente a Fundação Nacional do Índio ó FUNAI, a partir de 1967ö (SOUZA, 2018, p.50).

¹ õGalleti (2000;1995, p.48) afirma que as vastas áreas do interior brasileiro õao longo das primeiras décadas da República [foram] indistintamente chamadas de sertão, independente de sua localização geográfica, as regiões do interior do Brasil figuravam, então, como um contraponto às imagens de um litoral onde o Brasil vestia as cores do progresso e da civilizaçãoö. (MOTA, 2019, p.264)

O recolhimento forçoso e violento dos índios para as Reservas, em especial à Reserva de Dourados, deve ser considerado como inerente às práticas colonialistas do SPI ao impor outras formas de construir territórios, *desmarcando* as fronteiras e práticas étnicas de territorialização Guarani e Kaiowá na produção de *tekoha*. (MOTA 2019, p.266.)

Novamente, o *õlugar estranhoö* do poema se mostrou ainda mais presente na nova realidade dessas famílias quando o espaço confinado e superpovoado da Reserva não permitia a reprodução de formas tradicionais de *õser e viverö*, refletido no *teko porã*, ou bem-viver . O resultado foi transformações, necessárias e compulsórias, na maneira em que esses sujeitos se relacionam com o mundo e com eles mesmos, na relação com a terra, com a mata, com a/as parentela/s, com a roça. Levi Marques Pereira (2016, p.16 -17). nos chama a atenção para o fato õde que estas transformações impõem [também] a redefinição da própria noção de território.ö

A Reserva indígena de Dourados, como já tratado antes, é fruto da estratégia e discurso colonizador do Estado brasileiro e das forças do capital, que por décadas trava contínuas tentativas de õmelhor servir-se dos indígenas, melhor catequizá-los e melhor administrá-losö (CHAMORRO, 2019, p. 9). Porém, a história da Reserva, como toda história, tem dois lados.

Os dois lados dessa história são pensados em conversa com Romana Falcón (2002, p.24) ao afirmar que õ[í] el sometimiento nunca es absoluto siempre es ajustado, negociado, retado, repudiado, obstaculizado [...]ö abre caminho para que pensemos na história da Reserva como uma história não só de sometimento, racismo e tragédia mas também de resistência e luta travada pelos/as Kaiowá, Guarani e Terena desde o princípio de sua construção. Tal resistência fica clara na fala de Gressler e Swensson (*apud* BRAND, 1197, P.117, *apud* MOTA, 2019, p.266) ao aponta que õo problema maior na região não era simplesmente o fato de doar terras aos índios, mas principalmente, recrutá-los para essas terras [...]ö.

A resistência dos/as indígenas ao espaço da Reserva e aos interesses que permeiam e forçam um tom imperativo à frase *õLugar de índio é na Reservaö* é expresso em suas formas de construção e entendimento de seus próprios territórios e territorialidades. Nesse sentido, nossa compreensão deve ser guiada para reflexionar acerca de dois espaço-tempo diferentes e

simultâneos concebidos e vividos pelos Kaiowá e Guarani: *tekoyma* (modo de vida dos antigos) e *tekopyaju* (novos modos de viver).

No caso dos Guarani e Kaiowá, pode-se recriar o *Tekoyma* no *Tekopyahu*, considerando que no õnovoõ há sempre a aparente relação de que os territórios de partida se revestem nos territórios de chegada pelo/no movimento de des-re-territorialização. (MOTA, 2011, p.123)

Tal reflexão é importante para compreendermos que a Reserva não representa para as famílias Guarani e Kaiowá que ali vivem o esquecimento e distanciamento de seus territórios tradicionais ó *Tekoha* - e de seus antigos modos de vida - *Tekoyma*. Ao contrário disso, os/as Guarani e Kaiowá só re-existem no espaço da Reserva porque sua desterritorialização além de não ter sido ser completa (nenhuma desterritorialização pode ser), se traduziu em uma re-territorialização no espaço da Reserva baseada no movimento contínuo entre multiterritorialidades e multidimensionalidades, que tomam possível hoje a conversa e a convivência entre o õpassadoõ, õpresenteõ e õfuturoõ, ou melhor, a lembrança, esperança e presença do *Tekoyma no Tekopyahu*. Nas palavras de Rogério Haesbaert, a multiterritorialidade:

[í] Multiterritorialidade aparece como uma resposta a esse processo identificado por muitos como õdesterritorializaçãoõ: mais do que a perda ou o desaparecimento dos territórios, propomos discutir a complexidade dos processos de (re) territorialização em que estamos envolvidos, construindo territórios muito mais múltiplos. (HAESBAERT, 2005, p.6774 *apud* MOTA, 2011, p.115)

Como podemos perceber, o õlugarõ reservado ao índio na frase *õlugar de índio é na Reservaõ* cai em completa contradição na medida em que se torna-se impossível õreservá-losõ somente à um lugar. Pois, para os/as Kaiowá, Guarani e Terena tanto o espaço da Reserva como a própria palavra õlugarõ podem ser vistas, sentidas e vividas de múltiplas formas. Com efeito, a palavra õlugarõ sai então do singular aprisionador e colonizador e assume a forma de õlugaresõ que transitam entre multiterritorialidade ó no construir e construir-se no pisar de

múltiplos territórios - e multitemporalidades ó no viver e sentir entre o *Tekoyma* e *Tekopyahu* - , recriando e imaginando õlugaresö e identidades.

A Reserva de Dourados é dividida em duas aldeias, Jaguapiru e Bororó, sendo constituída em maior ou em menor quantidade cada uma por Kaiowá, Guarani e Terena. Famílias que chegaram até estes lugares-territórios (MOTA, 2011) por meio de diversas trajetórias e histórias. Além disso, o *sistema multiétnico* (LEVI, 2014) da Reserva é integrado por indígenas de outras etnias, como Bororó e Kadiwéu, e não-indígenas, paraguaios e brasileiros, que adentram a este sistema por meio de matrimônios.

Vale ressaltar que a relação entre todos esses sujeitos, em especial os/as Kaiowá, Guarani e Terena, é marcada pela negociação constante de identidade, tanto as coletivas reivindicadas por cada parentela, quanto as individuais de cada personagem que engloba este sistema multiétnico. Portanto, afirmar-se e diferenciar-se no espaço da Reserva é imprescindível para a existência e convivência desses sujeitos, assim como apropriar-se de um determinado território, originando conflitos e tensionamentos entre famílias.

A identidade indígena é õmedidaö também através da proximidade ou distanciamento da figura do não-indígena ó *karai* na língua Guarani ó e seu modo de vida. Tal conflito pode ser notado no aparecer da seguinte frase acerca de suas impressões e opiniões sobre as relações interétnicas da Reserva por uma indígena Guarani "*o Terena vestiu a roupa e não conseguiu mais tirar*".

A frase faz alusão à proximidade histórica do povo Terena aos não-indígenas. A "roupa" é uma metáfora que representa os costumes, a língua, a religião, a forma de ser e viver ocidental incorporada, segundo esta senhora, pelos Terena. A roupa no contexto social ocidental reveste o corpo desnudo condenado pela moralidade cristã, a nudez, condição inata a todos nós, tem de ser escondida para poder-nos apresentar e conviver em sociedade, de modo que recebamos sua aprovação e validação. O resultado final da roupa é a aceitação e o bom convívio, de tal maneira que torna-se plausível pensar que a õroupaö vestida pelos Terena representa uma estratégia de sobrevivência destes para seguir re-existindo no mundo não-indígena.

A fita métrica do "*mais ou menos índio*" segue medindo o caráter étnico presente em cada um dos povos quando falamos na questão da língua materna. Os Guarani e Kaiowá conservam em grande parte a sua língua materna, o Guarani. Por outro lado, muitos Terena já não são mais falantes da língua Terena, possuindo como primeira o português.

No que diz respeito a presença de não-indígenas na reserva um casal Guarani nos relatou que a partir do momento que os indígenas começaram a trabalhar nas Usinas do município de Dourados a relação entre indígenas e não-indígena mudou, incluindo no despertar desta nova dinâmica de relacionamento e estruturação das relações de poder os casamentos interétnicos. É através desses casamentos que os não-indígenas passam a viver com seus cônjuges na Reserva.

Todavia, os casamentos interétnicos não se limitam à casais não-indígena e indígena, sendo também frequentes casamentos entre os Kaiowá, Guarani e Terena como demonstra Levi Marques Pereira (2014, p.25)

No cenário multiétnico da RID, a identificação das etnias se mantém como elemento ordenador das relações sociais, mesmo ocorrendo expressivo número de casamentos interétnicos. Muitos desses casamentos resultam em relações matrimoniais tensas ou em discordâncias sobre o modo como criar os filhos, mas muitas relações são também significativamente harmônicas, resultando em arranjos parentais que ampliam as possibilidades de convivência interna entre as etnias e com o entorno regional.

Como se pode notar, as relações presentes na Reserva permeiam as mais diversas relações humanas, podendo ser de amizades, amores e desavenças. Todavia, um fator de união em específico é capaz de transbordar os limites e as fronteiras construídas para prender os indígenas à Reserva e projetá-los nacionalmente e internacionalmente.

Para exemplificar a relevância e potencialidade do Movimento Indígena parafrasearemos a força da fala de uma senhora Guarani, líder de uma área de retomada que aponta que a união entre as etnias é urgente para o fortalecimento da luta do povo indígena como um todo. Sua reflexão vai no caminho de pensar que os atos de desvalorização e estigmatização do *õoutroõ* não podem encontrar lugar entre os/as Guarani, Kaiowá e Terena pois os mesmos já são alvo dessa opressão produzida pelo Estado e o capital ó manifestado em contexto sul-mato-grossense, principalmente, na figura das mineradoras e do agronegócio. Sendo por isso que os conflitos e tensões interétnicas que dividem as etnias dentro e fora da Reserva só enfraquecem uma luta que deveria ser conjunta, a luta dos povos indígenas do Brasil.

Nesse sentido, embora o passado colonizador e racista no qual esta assentada a criação da Reserva Indígena de Dourados e as demais Reservas do estado do Mato Grosso do sul, não ter levado em conta a organização social e o modo de vida de cada povo, obrigando-os a viver e compartilhar um mesmo território, a diversidade inerente ao termo povos indígenas não deve ser fator de conflito e disputa entre os mesmos, mas sim uma bandeira hasteada de forma conjunta entre esses povos.

Povos que se diferem quanto a suas histórias-trajetórias, territórios tradicionais, cosmovisões, cantos, rezas, deuses, artesanato, organização social, língua, etc. Em outras palavras, se perdem na riqueza de formas de *ōviver, pensar e sentir* o mundo, ou melhor, na inesgotável fonte *fazer-se gente* (MOTA, 2011).

Todavia, com uma história de colonização, etnocídio, desrespeito e morte compartilhada, mas também de luta, força e indomável rebeldia com aqueles que tentam reservá-los, assimilá-los e colonizá-los, pois como demonstra a senhora Guarani com quem conversamos, de nada serve os conflitos entre as próprias etnias se o inimigo é outro e é comum à todos.

Assim, é pela necessária união entre os povos indígenas que os/as Kaiowá, Guarani e Terena vem reinventando o espaço da Reserva e diluindo os interesses que a criaram e a mantiveram cravada no espaço-tempo como *ōlugar de índio*. De tal maneira que assumem, coletivamente, uma nova identidade de re-existência. Sendo através desta que Reserva se ergue como fonte de articulação e reivindicação daqueles que compartilham um passado de esbulho de seus territórios e lutam por melhores condições de vida, por respeito e dignidade aos povos que já estavam nessas terras, enraizando-se pelo movimento de construir e deixar-se construir no território.

Portanto, o/a morador/moradora da Reserva é o fruto de matas de *Ka'aguy Jará* ó os donos das florestas na cosmovisão Guarani-Kaiowá - que a colonização não conseguiu envenenar e que hoje alimenta sonhos e esperanças para jovens, mulheres, homens, crianças e anciãos de múltiplos povos que ali insistem em re-existir enquanto indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como evidenciado neste artigo, a Reserva Indígena de Dourados apareceu como resposta aos anseios do Estado e do capital por liberar os territórios indígenas à ocupação pelas frentes de expansão econômica. Nesse contexto os/as indígenas *ōincomodavam* o poder econômico em sua empreitada de conquista-ocupação dos *ōsertões* brasileiros.

Todavia, tão forte quanto a repressão foi a resistência. Os/as Kaiowá, Guarani e Terena levam em suas trajetórias passos de uma história de insubordinação e resistência as práticas racistas que lhes foram impostas. O contraponto feito por esses povos as empreitadas da colonização é o que permite hoje o renascer e reinventar de territórios e identidades. Os frutos dessa história são portanto identidades étnicas que divergem que em suas formas, cheiros e sabores mas que juntas formam a multiplicidade de maneiras de ser e viver como indígena.

A Reserva Indígena de Dourados nos mostra como o processo de assimilação imposto aos índios, pelo Estado brasileiro, não foi em sua integridade exitoso. O desejo por assimilação tornou-se nas mãos dos/as Kaiowá, Guarani e Terena disseminação, na medida em que os/as indígenas transitam hoje não só o espaço da Reserva mas também pela cidade, Universidade, escolas, mercados, etc.

Por fim, ao longo deste trabalho entendemos e buscamos fazer com que outras pessoas entendam que a Reserva é espaço de diversidade, que o território acompanha os movimentos das pessoas que se enraízam sobre ele e que as identidades são múltiplas e cambiantes. Em outras palavras que vida, ao contrário da morte, representa movimento e ação. Sendo assim, a Reserva junto a seus moradores/as estão vivos, movimentando-se e articulando-se sobre o território, territorializando formas outras de fazer-se indígena na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

MOTA, Juliana. **Territórios e territorialidades Guarani e Kaiowa:** da territorialização precária na Reserva Indígena de Dourados à multiterritorialidade. (Mestrado em Geografia) - UFGD, Dourados, 2011.

MOTA, Juliana. **Territórios, multiterritorialidades e memórias dos povos Guarani e Kaiowá: diferenças geográficas e as lutas pela Des-colonialização na Reserva Indígena e nos acampamentos-tekoha - Dourados/MS.** (Tese em Geografia) FCT-UNESP, Presidente Prudente, 2015.

FALCÓN, Romana. **México Descalzo: Estrategias de sobrevivencia frente a la modernidad.** México, 2002.

PEREIRA, Levi Marques. - **A atuação do órgão indigenista oficial brasileiro e a produção do cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados, MS.** UFGD; 38º Encontro Anual da Anpocs;GT21 Metamorfoses do rural contemporâneo.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2016.

PEREIRA; SILVESTRE; CARIAGA. **Saberes, Sociabilidades, formas organizacionais e territorialidades entre os Kaiowá e os Guarani em Mato Grosso do Sul.** Dourados, MS: Ed, UFGD, 2018.

MOTA, Juliana. **Geografias Guarani e Kaiowá nas Relações entre a Reserva Indígena e a cidade de Dourados.** In: Reserva Indígena de Dourados: Histórias e Desafios contemporâneos. MOTA, Juliana; CAVALCANTE, Thiago (orgs). São Leopoldo: Karywa, 2019. p.263-279.

TROQUEZ, Marta. **Reserva Indígena de Dourados (1917-2017): Composição multiétnica, apropriações culturais e desafios da subsistência.** In: Reserva Indígena de Dourados: Histórias e Desafios contemporâneos. MOTA, Juliana; CAVALCANTE, Thiago (orgs). São Leopoldo: Karywa, 2019. p 43-57.

CHAMORRO, Graciela. **Prefácio da edição.** In: Reserva Indígena de Dourados: Histórias e Desafios contemporâneos. MOTA, Juliana; CAVALCANTE, Thiago (orgs). São Leopoldo: Karywa, 2019. p. 9-12.